

## Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação

*Freirean principles for thinking about research: sparking dialogues on action research*

Carlos César de Oliveira  
Maria Inês Marcondes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)  
Rio de Janeiro/RJ-Brasil

### Resumo

O estudo em questão resultou da curiosidade dos pesquisadores acerca da relação entre Paulo Freire e a pesquisa. Inspirando-se em “Por uma pedagogia da pergunta” (Freire; Faundez, 1985), ele partiu das seguintes questões: o que seria uma pesquisa em concordância com uma abordagem freireana? Quais as contribuições de Paulo Freire para a pesquisa-ação? Seu objetivo consistiu em analisar as contribuições de Paulo Freire para a pesquisa em Educação, sobretudo, na pesquisa-ação. Trata-se de estudo de natureza qualitativa, de revisão bibliográfica, que em alguns momentos fez uso do *software Atlas ti*. Organizado em três momentos: no primeiro, contextualizamos a temática estudada e exploramos algumas categorias freireanas; no segundo, discutimos a pesquisa-ação e sua relação com as bases freireanas; por fim, destacamos as contribuições freireanas para a pesquisa, com ênfase na pesquisa-ação.

**Palavras-chave:** Pesquisa-ação; Formação; Interação entre participantes; Paulo Freire.

### Abstract

The study was based on the researchers' curiosity about the relationship between Paulo Freire and research. Inspired in “Learning to Question: a pedagogy of liberation”, by Freire and Faundez (1985), it was based on the following questions: what would research be in accordance with a Freirean approach? What are Paulo Freire's contributions to action research? Its aim was to analyze Paulo Freire's contributions to educational research, especially action research. This is a qualitative study, with a bibliographical review, which at times made use of the Atlas ti software. It is organized into three parts: first, we contextualize the subject under study and explore some Freirean categories; second, we discuss action research and its relationship with Freirean bases; finally, we highlight Freirean contributions to research, with an emphasis on action research.

**Keywords:** Action research; Training; Interaction between participants; Paulo Freire.

## **1. Introdução**

O início do conhecimento, segundo Freire e Faundez (1985), se dá pela pergunta. Associada à curiosidade epistêmica, ao desejo de conhecer, a pergunta nos mobiliza a indagar sobre um determinado objeto e lançamos mãos de estratégias em busca de estudá-lo. Assim, ao advogar sobre o papel da pergunta na pesquisa, o presente estudo busca articulá-la a outros conceitos, trazendo para discussão questões referentes à abordagem participante, com destaque para o papel da pergunta na pesquisa-ação.

Partindo da premissa que o conhecimento se inicia pela pergunta, neste início de texto indagamos: qual a importância das perguntas na realização de uma pesquisa? Por que será que, especialmente jovens pesquisadores(as) têm dificuldades de elaborar uma pergunta, uma questão de pesquisa? Como a pergunta pode contribuir para orientar os caminhos da pesquisa? Sem dúvidas, foram estas as provocações iniciais que fizemos ao nos debruçarmos sobre a obra *Por uma pedagogia da pergunta*, escrita a partir de um diálogo entre o educador brasileiro Paulo Freire e o chileno Antonio Faundez. Cumpre dizer que após as perguntas iniciais realizamos uma leitura em profundidade da referida obra, atentando para alguns conceitos que se articulam com a “pergunta”, que é a categoria central no livro. Não obstante isso, as perguntas ainda servem como base para os diálogos que constituem o livro, nomeado por Freire como um “livro dialogado”. Nele, a partir das perguntas, Freire e Faundez discutem sobre suas experiências com educação em diferentes contextos, tomando como referência a atuação no Conselho Mundial de Igrejas.

A partir desta breve contextualização da obra estudada e dos seus autores, frisamos que o objetivo principal deste estudo é discutir acerca das contribuições de Paulo Freire para a pesquisa em Educação, tendo em vista que categorias como *curiosidade epistemológica*, *pergunta*, *ética*, *participação*, *diálogo* e *práxis* estão presentes na trajetória do pesquisador, sobressaindo-se teórico-metodologicamente em *Por uma pedagogia da pergunta* (Freire; Faundez, 1985). Fundamentado em uma abordagem qualitativa, o presente estudo trata-se de um estudo teórico que, no primeiro momento, buscou fazer uma leitura prévia do texto, a fim de compreender melhor o seu contexto e as categorias trabalhadas. Em seguida, com o auxílio do *software Atlas.ti* realizamos um mapeamento dos conceitos elencados acima, os quais que são basilares para a realização de uma pesquisa.

Conforme já sinalizamos, os conceitos são considerados basilares porque envolvem todo o processo da pesquisa, desde o planejamento até a análise, resultando em movimentos de pensar-fazer a pesquisa, compreendendo-a como um processo formativo, teórico-epistemológico. Entre os conceitos levantados, a *curiosidade epistemológica* se situa como um movimento inicial que instiga o(a) pesquisador(a) a interessar-se pelo campo e pelo objeto estudado. A *pergunta*, por sua vez, ajuda a definir melhor o objeto, o campo estudado e os recortes da pesquisa. Considerado um conceito que atravessa a pesquisa, a *ética* em Freire está associada ao rigor, à politicidade, aos cuidados com a pesquisa e com os sujeitos que dela participam. A *participação* pode relacionar-se tanto ao contexto da pesquisa – contexto da prática – quanto à importância dos sujeitos-participantes e de suas experiências, para a discussão acerca do objeto estudado. Nesse sentido, o *diálogo* abre caminhos para que o(a) pesquisador(a) amplie o seu olhar, implica, ainda, uma escuta sensível e responsabilidade com as suas fontes. E a *práxis* implica a constante reflexão sobre o objeto de pesquisa, mas também sobre o processo de pesquisar: quais os desafios? Quais os achados? Quais as contribuições da pesquisa para a minha formação? Quais as suas lacunas e as pistas para novos desdobramentos?

Diante disso, é importante frisar que apesar de tomarmos como objeto o livro *Por uma pedagogia da pergunta*, os conceitos por nós estudados são explorados por Freire ao longo da sua produção (1996; 2013a; 2018; 2022; Freire e Shor, 1986), bem como no *Dicionário Paulo Freire* (Streck; Redin; Zitkoski, 2016). Porém, antes de adentrar o texto, destacamos que a motivação para este estudo surgiu a partir de algumas inquietações durante a leitura Freire e Faundez (1985), por reconhecer que, enquanto ato curioso, a pergunta pode mobilizar o pensamento e resultar na produção de um novo conhecimento. Esta afirmação nos remete ao papel da pergunta na pesquisa, afinal ela representa este movimento curioso, expresso no desejo de investigar um determinado objeto. E, assim, à medida que a pesquisa é desenvolvida outras perguntas emergem.

Estruturado em três momentos, o presente estudo tem início com uma discussão introdutória sobre a pergunta e sua articulação com outros conceitos na constituição da pesquisa. A partir dos conceitos levantados, discute-se a articulação entre os mesmos e sua importância, ressaltando algumas das contribuições freireanas para a pesquisa. No momento seguinte, ao atentar para as metodologias de caráter participante, o texto procurou refletir sobre a pesquisa-ação. Para tanto, foram levantados estudos, publicados entre 2014-2023,

## *Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação*

através dos quais buscou-se discutir a influência freireana sobre a mesma. Por fim, nas considerações, retomamos as questões iniciais e fazemos alguns apontamentos sobre a pergunta na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Afinal, a(s) pergunta(s) são fundamentais para a pesquisa porque além de contribuir para aprofundar o conhecimento sobre um dado problema, ajuda na compreensão e definição de suas especificidades: objeto, sujeitos, lócus, recorte temático, recorte temporal, aporte bibliográfico e procedimentos metodológicos.

### **2. Fundamentos teórico-metodológicos para uma pesquisa freireana**

A discussão acerca da relação entre o pensamento de Paulo Freire e a pesquisa educacional não é recente, especialmente quando se trata de uma pesquisa de caráter participante (Brandão, 1990; Brandão; Streck, 2006; Thiollent, 1986). Porém, ao nos debruçarmos sobre o conjunto de sua obra é possível notar que a pesquisa é discutida em diferentes momentos: no “levantamento vocabular” (Freire, 2018), nos “círculos de cultura”, nas práticas de ensino (Freire, 1996), nas rodas de conversa, na escuta aos/às professores(as) e no seu próprio fazer, visto que em suas produções (livros, artigos, entrevistas) o autor coloca em discussão a sua prática, buscando indagá-la e aprender com ela (Freire; Guimarães, 2013).

A partir deste olhar, *Por uma pedagogia da pergunta*, Freire e Faundez (1985) serviu como base para as nossas primeiras indagações: o que os autores podem nos dizer acerca da pergunta? Qual o papel da pergunta e como ela pode contribuir com a pesquisa? Com estas provocações, nos voltamos para o conjunto de sua obra a fim de estabelecer relações entre a pergunta e outros conceitos considerados fundamentais para a pesquisa (ver quadro 1). Defendemos, inicialmente, que a pesquisa numa perspectiva freireana se pauta na escuta e no diálogo, que são indissociáveis, na ética humana e no respeito à história de vida da outra pessoa, que solidariamente contribui para a construção de um novo conhecimento.

A partir das leituras de Freire e Faundez (1985), ousamos dizer que a pesquisa resulta em um momento de aprofundamento das leituras de mundo, dos dados empíricos, posto que leva em consideração as subjetividades presentes nos saberes experienciais. A pesquisa é, portanto, resultado de um movimento prático-teórico-prático, conforme abordaremos no decorrer deste estudo. Vale lembrar que numa perspectiva freireana o interesse de pesquisa

nasce de uma questão concreta vivenciada na escola ou fora dela, e que atravessam a vida do(a) pesquisador(a).

Mas, afinal, o que pesquisar? Esta é uma pergunta que ainda aflige jovens pesquisadores(as) que, não raro, está associado a uma outra indagação: como elaborar a pergunta, a questão de pesquisa? A pergunta faz parte deste primeiro movimento de pensar a pesquisa, e resulta em um exercício de reflexão sobre as experiências concretas e sobre o próprio ato de pesquisar: Por que e para que pesquisar? Como pesquisar? Qual a relevância da pesquisa? As indagações que Freire (2022) faz acerca da educação são relevantes, também, ao âmbito da pesquisa. Nesse sentido, o interesse pela pesquisa pode surgir a partir de diferentes situações e contextos: um diagnóstico, um projeto de intervenção, uma ação formativa, um projeto, entre outros. Tudo isso vem reforçar a importância das experiências ou de situações do cotidiano em uma pesquisa de inspiração freireana.

Partir das situações concretas, das experiências vividas, implica compreender o lugar do sujeito que pesquisa, sua experiência. Pensando nisso, trouxemos um pouco do professor-pesquisador Paulo Freire que, em diferentes obras, narrou e problematizou as suas experiências. Estudou e discutiu a educação em diferentes níveis (educação de adultos, educação popular, ensino superior, gestão, formação de professores) e contextos (Universidade de Pernambuco, Conselho Mundial de Igrejas, Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, PUC-SP e Unicamp, entre tantos outros). Assim, a partir de sua atuação tanto em espaços formais como em espaços não-formais de educação, estudiosos situam Freire como um pesquisador que trabalha numa dimensão participante. Dimensão esta anunciada na *Pedagogia do oprimido* (2013a, p. 101) “A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar”.

Adentrando a discussão, a seguir apresentamos os seguintes conceitos *curiosidade epistemológica, pergunta, ética, participação, diálogo e práxis*, tratados neste estudo como movimentos<sup>1</sup> da pesquisa. Consideramos, portanto, que eles são basilares para a pesquisa, bem como para a formação do(a) pesquisador(a). Ao mesmo tempo afirmamos que não há nenhuma intenção de esgotá-los, especialmente porque cada pergunta pode resultar em diversas possibilidades: de revisitar, de ampliar, de reinventar.

Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação

Quadro 1. A pesquisa enquanto movimento participante

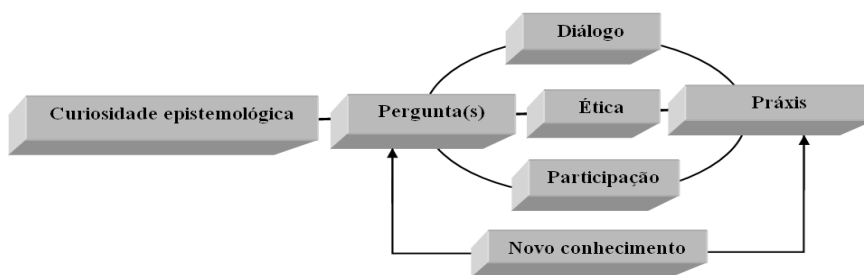
Movimento	Conceito	Desenvolvimento da Pesquisa
1º	Curiosidade epistemológica	<p>Na tua compreensão da docência, e na minha também, a que tu provaste aí na tua experiência é que, primeiro, o <i>processo de conhecer é um processo social</i>, e não apenas individual, com a sua dimensão individual. Segundo, que o processo de conhecer inexistente quando a <i>curiosidade epistemológica</i> não é estimulada, quer dizer: quando não há uma curiosidade em face de um certo objeto cognoscível, ou em face de um certo conteúdo (Freire; Guimarães, 2013, p. 108).</p> <p>Quanto mais faço estas operações com maior <i>rigor metódico</i> tanto mais me aproximo da maior exatidão dos achados de minha <i>curiosidade</i> (Freire, 1996, p. 34). O <i>rigor científico</i> vem de um esforço para superar uma <i>compreensão ingênua</i> do mundo. A ciência sobrepõe o pensamento crítico àquilo que observamos na realidade, a partir do senso comum (Freire; Shor, 1986, p. 69).</p> <p>Superando a curiosidade ingênua, a curiosidade epistemológica “se faz mais <i>metodicamente rigorosa</i>. É esta rigorosidade metódica na aproximação do objeto que explica a <i>passagem do conhecimento</i> ao nível do senso comum para o do conhecimento científico. Não é o conhecimento científico que é rigoroso. A rigorosidade se acha no método de aproximação do objeto. É esta rigorosidade que nos possibilita maior ou menor exatidão no conhecimento produzido ou no achado de nossa busca epistemológica” (Freire, 2015, p. 96).</p>
2º	Pergunta(s)	<p>Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas (Freire, 1996, p. 51).</p> <p>As perguntas, sem dúvidas, são manifestações da curiosidade epistemológica, dessa vontade de conhecer que resultará na produção de um novo conhecimento, daí a sua intrínseca relação. Nesse sentido, as perguntas “são os fios condutores” (Freire; Faundez, 1985) do trabalho de pesquisa, e servem como guia para todo o estudo, desde o levantamento de dados até a análise. Elas são, também, essenciais para aprofundar o conhecimento acerca do objeto e servem como orientação para os objetivos e para a metodologia de pesquisa.</p>
3º	Ética	<p>Meu <i>corpo consciente</i>, meu ser inacabado e histórico, precisa tanto, para estar no mundo, de alimento quanto de <i>ética</i> (Freire, 2015, p. 86).</p> <p>Do ponto de vista da História como possibilidade que sublinha a <i>responsabilidade ética</i> de mulheres e de homens é indispensável a <i>análise rigorosa dos fatos</i> que revela, às vezes, que certos acontecimentos considerados negativos são mais positivos do que parecem (Freire, 2015, p. 107).</p>
4º	Participação	<p>Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas <i>com ele</i>, como <i>sujeito de seu pensar</i> (Freire, 2013a, p. 101).</p> <p>Esta <i>participação consciente</i> na reconstrução da sociedade, participação que pode se dar nos mais diferentes setores da vida nacional e em níveis diferentes, demanda, necessariamente, uma compreensão crítica do momento em que se acha o país. Compreensão crítica que se vai gerando na <i>prática mesma de participar</i> e que deve ser incrementada pela <i>prática de pensar a prática</i> (Freire, 1989, p. 23).</p>

		O que se quer é a <i>participação efetiva</i> do povo enquanto sujeito, na reconstrução do país [...] a <i>participação crítica e democrática</i> dos educandos no <i>ato de conhecimento</i> de que são também sujeitos. É a <i>participação crítica e criadora</i> do povo no processo de reinvenção de sua sociedade (Freire, 1989, p. 23).
5º	<i>Diálogo</i>	O diálogo pode ser um importante instrumento de levantamento de dados. Nas pesquisas pautadas em uma abordagem participante ele se torna fundamental, visto que a pesquisa é “feita com o povo” (Freire, 2013a, p. 101), como se pode notar na pesquisa-ação, na pesquisa participante, na etnografia crítica, nas histórias de vida. Em seus livros falados, que foram tantos, Freire nos convoca a pensarmos o papel do diálogo, e da escuta atenta que é parte deste, no sentido de pensar as questões da educação. Nesse sentido, as rodas de conversa, até mesmo a entrevista semi-estruturada podem favorecer ao diálogo, visto que são sujeitos que estão, entre si, compartilhado saberes em torno de um determinado tema/objeto estudado.
6º	<i>Práxis</i>	É preciso, contudo, salientarmos que a <i>práxis</i> , através da qual a consciência se transforma, não é pura ação, mas <i>ação e reflexão</i> . Daí a <i>unidade entre prática e teoria</i> , em que ambas se vão constituindo, fazendo-se e refazendo-se num movimento permanente no qual vamos da <i>prática à teoria e desta a uma nova prática</i> (Freire, 1981, p. 88). A <i>práxis</i> , porém, é <i>reflexão e ação</i> dos homens sobre o mundo para transformá-lo (Freire, 2013a, p. 37). O homem, que não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um “ser-em-situação”, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. <i>O homem é um ser da “práxis”; da ação e da reflexão</i> (Freire, 2013b, p. 20). A consciência crítica não se constitui através de um trabalho intelectualista, mas na <i>práxis – ação e reflexão</i> (Freire, 1981, p. 67). <i>Práxis</i> que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é <i>fonte de conhecimento reflexivo e criação</i> (Freire, 2013a, p. 92).

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Vale lembrar que muito embora a motivação para este estudo tenha partido de *Por uma pedagogia da pergunta*, o quadro acima nos possibilitou referenciar algumas obras de Freire, articulando os conceitos e iniciando a discussão. Intitulados como “movimentos”, os conceitos são apresentados como parte do fluxo da pesquisa, conforme demonstramos na figura que se segue.

**Figura 1.** A pesquisa em seus diferentes momentos



Fonte: Elaboração própria, 2024.

## *Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação*

Considerando a pesquisa constitui um ato curioso, é a partir “curiosidade epistemológica” que o(a) pesquisador(a) começa a buscar suas motivações e a demonstrar o seu interesse pelo objeto a ser estudado. Etimologicamente, a curiosidade é compreendida como “qualidade de quem tem grande vontade de saber. Vontade de ver, de conhecer algo novo ou desconhecido” (Dicio, 2023, n.p.). Mas e então, o que vem a ser a curiosidade epistemológica e qual o seu papel na pesquisa? Tomando como base o pensamento freireano, a curiosidade epistemológica consiste em um movimento de busca que instiga o sujeito a indagar sobre um determinado objeto, buscando entendê-lo. Nesse sentido, a “curiosidade epistemológica” (Freire, 1996; Freire; Faundez, 1985) contribui para a superação da “curiosidade ingênua”, uma vez que leva o sujeito a problematizar a realidade, a analisá-la e produzir novos conhecimentos. Este processo, na visão de Freire (1996) deve ser metodologicamente rigoroso, de modo que os achados da pesquisa possam contribuir significativamente com o campo estudado, bem como com a formação do(a) pesquisador(a).

Portanto, o primeiro movimento da pesquisa resulta deste olhar curioso, neste processo de conhecimento – teórico-metodológico-epistemológico –, por meio do qual o(a) pesquisador(a) amplia as suas “leituras de mundo” (Freire, 1989) e os seus conhecimentos teórico-práticos, visto que numa perspectiva freireana a pesquisa está vinculada a prática, ou seja, a problematização de experiências vividas. Isso significa dizer que à medida que o(a) pesquisador(a) indaga, levanta dados, sistematiza, narra, analisa, ele(a) aprofunda e amplia o olhar acerca do objeto estudado, passa a compreender a indissociabilidade entre teoria-prática, posto que é necessário recorrer aos fundamentos teóricos para problematizar os achados da pesquisa. É justamente a partir do olhar curioso que ele(a) chega ao segundo movimento que consiste na formulação da(s) pergunta(s).

O segundo movimento consiste na elaboração da questão de pesquisa. É aí onde entra a categoria da pergunta, que, conforme já sinalizamos, é o ponto de partida para a formação (Freire; Faundez, 1985). Tudo isso nos leva a situar a pesquisa em uma perspectiva crítica, emancipatória e humanizadora, o que pode ser expresso em diferentes momentos, desde a pergunta, passando pelo respeito aos participantes e aos seus saberes, até o conhecimento que ambos produzem no decorrer deste processo, posto que pesquisar é um “ato de conhecimento” (*Ibidem*). Partindo dessa concepção que pesquisar é conhecer, ao fazer uso



da(s) pergunta(s) o pesquisador ou a pesquisadora elabora suas questões, os seus porquês, seguindo-se dos objetivos e caminhos metodológicos. A pergunta, nesse sentido, contribui para uma melhor definição acerca do objeto estudado, daí a importância da objetividade e de uma boa delimitação: o que estudar? Onde? Por quê? Qual a relevância deste estudo? Estes são alguns questionamentos iniciais que podem contribuir para a elaboração da questão-problema.

Atentando para o rigor, vale ressaltar que pesquisar não se trata de achismos, ou seja, requer seriedade por parte do(a) pesquisador(a) com relação aos dados levantados, às/aos participantes da pesquisa, de modo que os achados sejam discutidos e analisados em diálogo com teóricos do campo no qual ela se situa. Por isso, muitas vezes, o estudo pode requerer uma revisão de literatura, que ajuda a elaborar novas perguntas e a compreender o campo estudado. Assim, a partir dessa compreensão, o(a) pesquisador(a) poderá melhor definir o seu objeto de estudo. Além disso, a pergunta se apresenta como elemento fundamental para os instrumentos da pesquisa: rodas de conversa, grupo focal, entrevista, questionário, todos eles têm as perguntas como base, como elemento fundante para o diálogo com as/os participantes. Dito isso, poderíamos afirmar que a pergunta é uma categoria que está presente em diferentes momentos da pesquisa e se interrelaciona com as demais: com a ética, no cuidado com as/os participantes; com o diálogo e com a participação, visto que são motivadoras; com a curiosidade epistemológica e com a práxis, graças à sua capacidade de instigar à reflexão, suscitando outras questões.

O terceiro movimento que, de certo modo, atravessa toda a pesquisa: é o movimento ético. Trata-se de um conceito recorrente em Freire, que se expressa através do rigor, do respeito, da seriedade, do compromisso e da boniteza. Tudo isso reforça que a ética é algo imprescindível à pesquisa e ao pesquisador, seja em relação à seriedade com as/os participantes, seja no cuidado com os dados levantados e com o campo pesquisado, afinal as pesquisas se situam dentro de um campo, tendo em vista os seus limites teórico-metodológicos. Com essa perspectiva, em diferentes momentos de sua obra Freire chama a atenção para a questão do “rigor”, que aqui relacionamos à dimensão ética da pesquisa. Um exemplo disso pode ser notado nos “livros dialogados”, que são marcados pelo profundo respeito aos sujeitos que deles participam. São livros escritos em parceria com outros educadores (Ira Shor, Myles Horton, Antonio Faundez), que num exercício prático discutem a educação e o ensino a partir de experiências e histórias de vida, conforme se pode notar

*Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação*

em *Essa escola chamada vida* e em *Aprendendo com a própria história*, escritos com Frei Betto e Sérgio Guimarães, respectivamente.

Diante disso, pode-se afirmar que a dimensão ética em Freire se relaciona com a dimensão da práxis, visto que o(a) pesquisador(a) não é alguém que se encontra isolado(a), distante, que se aproxima do objeto em busca de “coletar dados”. Ao contrário, ele(a) é parte de uma experiência concreta, tecida na relação com outras pessoas, aqui nomeadas de sujeito-participante da pesquisa. Tudo isso contribui para situar a pesquisa de inspiração freireana no campo crítico, e para explicar a metodologia e o estilo de escrita utilizados no conjunto de sua obra: cartas, livros dialogados, entrevistas, textos marcados pelo respeito à oralidade que é marca da linguagem popular. Diálogos, guiados por perguntas, gravados e transcritos, expressando o profundo respeito pelos sujeitos e o interesse por suas histórias de vida.

Seguindo a discussão, o quarto e o quinto movimentos servem como base para pensar o método adotado na pesquisa e os instrumentos utilizados para a produção de dados. É claro que ao nos remetermos, anteriormente, aos “livros dialogados” já apresentamos algumas pistas tanto em relação ao papel do diálogo na pesquisa, sobretudo no que se refere à necessidade de uma escuta sensível, mas também aos procedimentos de captação destes registros, como é o caso da gravação, da transcrição e da leitura pelos pares após a transcrição. Em suma, estes dois movimentos são um convite a reflexão sobre qual o tipo de participação, em que contexto, quem são as/os participantes e como serão os diálogos, ou seja, sobre os caminhos metodológicos da pesquisa.

Sobre a “participação”, Freire (1989, p. 23) destaca que ela pode acontecer em diferentes contextos e níveis. Ele advoga em defesa de uma “participação crítica e criadora”, realizada com o povo, que também participa do “processo de reinvenção de sua realidade”. Ou seja, por meio da participação o sujeito torna-se capaz de indagar acerca do objeto estudado, a fim de compreendê-lo com maior clareza. E isso só acontece quando o processo possibilita que os sujeitos-participantes discutam/problematizem questões ligadas à prática, resultando em um processo de “coparticipação”, de aprender com a própria história e com a história do outro (Freire; Guimarães, 2013). Freire ainda acrescenta que:

Na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o

que se dá no nível da experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento (Freire, 1990, p. 35).

Com relação à questão das subjetividades do(a) pesquisador(a), em uma pesquisa de caráter participante – de investigação sobre a prática –, elas podem ser expressas em diferentes momentos: na escolha do objeto, na elaboração da questão, nos recortes temático-temporal, ou seja, não é possível separar o(a) pesquisador(a) de suas leituras e experiências de mundo, o que contribuiu para, nas últimas décadas, a superação da dicotomia entre a teoria e a prática. Diante disso, é imperativo compreender que a “participação” (na pesquisa) implica trabalhar as subjetividades, reconhecendo o caráter formativo, crítico e criativo do(a) pesquisador(a).

Em suma, os movimentos da “participação” e do “diálogo”, mediados pela “ética”, pela(s) “pergunta(s)” e pela “curiosidade epistemológica” trazem a realidade concreta, a necessidade de problematizá-la, para o cerne da pesquisa, ressaltando sua politicidade. E o que é a pesquisa, senão, o levantamento, a problematização, a sistematização e a análise dos dados? É neste contexto que situamos o sexto movimento: a “práxis”, a reflexão que se dá na ação de pesquisa, que implica analisar os dados gerados a partir de experiências concretas, mas também analisar o processo que se dá “na relação dialética entre a objetividade e a subjetividade” (Freire, 1990, p. 35).

Em síntese, a *práxis* resulta em um movimento ético-político de, à luz da teoria, problematizar e desvelar a prática. Logo, a estruturação e a sistematização dos achados (ou resultados), bem como a análise, se situam no movimento da *práxis*, resultando em novas epistemologias, e, conseqüentemente, em novas questões.

Dito isso, a lição que Freire e Faundez (1985) nos deixa é que além de ser fundamental para a pesquisa, a pergunta ajuda a aprofundar, a esclarecer e a levantar outras questões, como é possível notar no final de muitos estudos, onde as perguntas apontam lacunas em relação ao campo/objeto estudado. E assim, para finalizar, resta-nos uma pergunta: qual o papel assumido pela pergunta na pesquisa-ação? Ela servirá como base para as discussões realizadas no próximo momento do texto.

### **3. Contribuições de Paulo Freire para a pesquisa-ação**

*A quem sirvo com a minha pesquisa?*

Paulo Freire

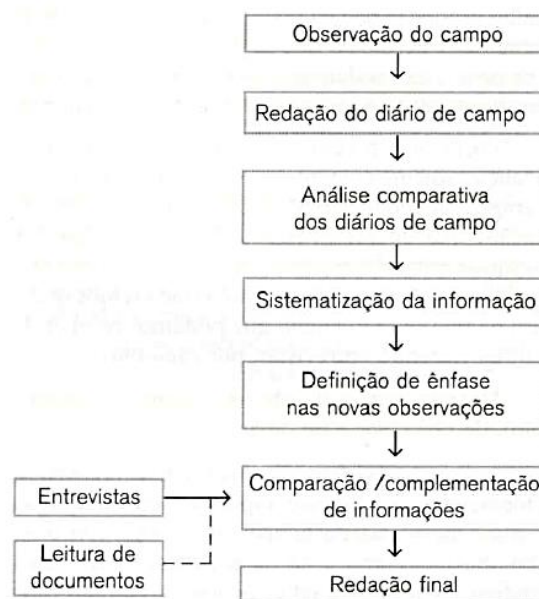
Uma leitura mais aprofundada acerca do pensamento de Paulo Freire, a exemplo do que fizera Oliveira<sup>ii</sup> (2023), Brandão (2006), Streck (2006), é possível identificar o caráter participante e o compromisso social, conforme se pode notar na epígrafe acima. A partir destes autores, bem como de suas obras que a pesquisa em Freire recebe influências da antropologia, do marxismo, da linguística, o que faz com que uma pesquisa freireana centre a atenção nos sujeitos e em suas pronúncias de mundo, suscitando diálogos e troca de saberes. Ao nos debruçarmos sobre o seu pensamento, notamos que a crítica feita por Freire estava, sobretudo, nos estudos pautados numa perspectiva positivista, bancária, sem relevância social. Ou seja, negava a ideia de “neutralidade” da pesquisa, reconhecendo a necessidade do rigor, mas também o compromisso ético-político.

Pensando, assim, voltamos o nosso para Paulo Freire e a pesquisa-ação, objetivando fazer um apanhado sobre o tema, sem nenhuma pretensão de esgotar a discussão. Para fundamentá-la, além dos autores supracitados, nos valem das leituras de Thiollent (1986), Cendales e Mariño (2006), que nos ajudaram a refletir sobre a pesquisa-ação. Além disso, levantamos estudos com pesquisa-ação realizados nos últimos dez anos, mapear as incidências e discutir algumas contribuições do pensamento de Paulo Freire para este tipo de pesquisa.

A fim de conceituá-lo, Thiollent (1986, p. 14) afirma que:

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Isso significa dizer que é uma pesquisa que possibilita com que os participantes “pronunciem o seu mundo” (Freire, 1989; Streck, 2006), fazendo com que a pesquisa seja uma forma de refletir e intervir no contexto estudado. Pensando assim, o problema de pesquisa é algo que parte do coletivo, do diálogo com os participantes que, de forma colaborativa, vivenciam as diferentes etapas da pesquisa, desde a elaboração do diagnóstico, até a realização da ação, e de sua avaliação, conforme as figuras que se seguem.

**Figura 2.** Diagrama 1 – Processamento da Informação

Fonte: Cendales e Mariño, 2005, p. 50.

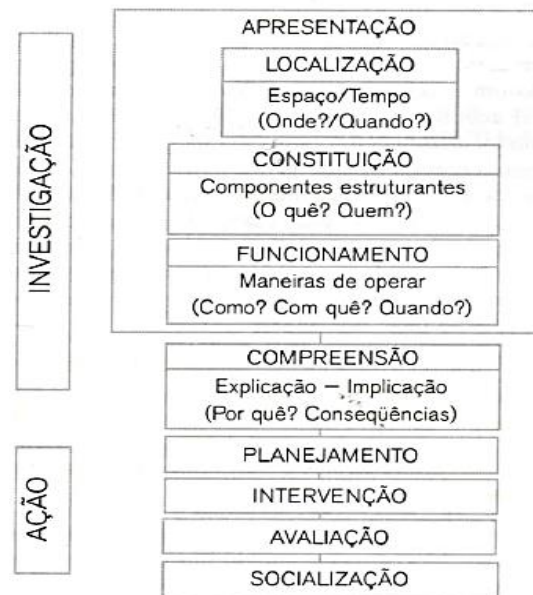
Os autores em questão apresentam o fluxo de uma pesquisa-ação realizada com escolas. Nota-se que na fase exploratória eles recorrem ao recurso do “diário de campo” e da “entrevista”, com a finalidade de descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou diagnóstico) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações. Após o diagnóstico, os pesquisadores e os participantes estabelecem os principais objetivos da pesquisa. Estes, por sua vez, dizem respeito aos problemas considerados como prioritários, ao campo da observação, aos atores e ao tipo de ação que estarão focalizados no processo de investigação: a partir de então, é escolhido o tema da pesquisa que, em geral, suscita um certo compromisso entre a equipe de pesquisadores e os elementos ativos da situação a ser investigada. Contudo, há em que o tema é previamente determinado pela natureza e pela urgência do problema encontrado na situação. No entanto, deve-se deixar bem claro que o tema e as questões práticas a serem tratadas devem ser absolutamente endossadas pelos participantes, pois não poderiam participar numa pesquisa sobre temas distantes de suas preocupações.

Feito esse levantamento, pesquisadores e participantes elaboram o projeto de intervenção, que conforme podemos notar remete ao pensamento de Freire (2022, p. 118) “O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o

*Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação*

contra quê, o contra quem são exigências fundamentais” de uma pesquisa que visa a participação dos sujeitos, comprometida com a transformação da realidade. É no ato de dialogar, de pensar/agir/transformar a realidade que o(a) pesquisador(a) amplia a sua capacidade de inteligir e produz conhecimentos.

**Figura 3.** Diagrama 2 – Processamento da Informação



Fonte: Cendales e Mariño, 2005, p. 51.

Em suma, a pesquisa-ação resulta em diferentes momentos, nos quais o(a) pesquisador(a), precisa estar atento aos registros, que são fundamentais para a análise, trazendo as falas dos sujeitos-participantes – seja do diário de campo, das formações, rodas de conversa, entrevista – para a pesquisa. Pensando assim, passamos a nos indagar: de que forma o pensamento de Paulo Freire tem contribuído com os estudos pautados na pesquisa-ação?

A partir desta questão, o presente estudo buscou levantar as incidências freireanas nos estudos que adotaram a pesquisa-ação como proposta metodológica. Para tanto, recorreremos à plataforma *Scielo* e utilizamos o descritor <<pesquisa-ação>>. Em função do volume, estabelecemos como recorte os últimos 10 anos (2014-2023), visto que neste momento não nos interessa fazer uma discussão aprofundada sobre o tema, mas sim apresentar um panorama de como a pesquisa-ação vem sendo trabalhada, com destaque

para as incidências freireanas, que nos ajudam a melhor entender as contribuições de Paulo Freire para a pesquisa-ação.

Com este recorte foram levantados 128 estudos, seguindo-se da análise do título de cada trabalho. No primeiro momento utilizamos como critério de seleção aqueles que contém no título o conceito de “pesquisa-ação”, dos quais foram selecionados 27 estudos. O momento seguinte voltou-se para as referências, a fim de identificar quais estudos fazem referência a Paulo Freire, e quais obras são citadas. Foram excluídos, então, 12 estudos, restando 15 para a análise. Por fim, realizamos a leitura dos resumos e buscamos as categorias freireanas discutidas nos textos, a fim de adensar a discussão proposta por este estudo.

A partir dos estudos levantados, ressaltamos que René Barbier e Michel Thiollent, bem como a Kurt Lewin e Orlando Fals Borda são autores que servem como fundamentação para os estudos de pesquisa-ação, sobretudo Barbier e Thiollent. Contudo, não poderíamos deixar de ressaltar que Lewin e Fals Borda, o primeiro que é apontado por Cendales e Mariño como criador do método de pesquisa-ação; na década de 1940; e o último pela criação do método de Investigação Ação Participante, difundido na América Latina e bastante utilizado pelo campo da Educação Popular. Com relação a Paulo Freire, oito obras foram citadas nos quinze estudos analisados: *Pedagogia da autonomia* (9), *Pedagogia do oprimido* (7), *Extensão ou comunicação?* (3), *Conscientização* (1), *Educação e mudança* (1), *Pedagogia da esperança* (1), *Pedagogia dos sonhos possíveis* (1) e *Professora sim, tia não* (1).

Sem perder de vista as categorias discutidas na primeira seção deste texto, os estudos levantados foram organizados em dois blocos: o primeiro corresponde aos estudos com a pesquisa-ação nas áreas da Saúde (Ribeiro; Vasconcelos, 2014; Toledo, Giatti; Jacobi, 2014; Silva Júnior et al., 2021; Amaral et al., 2021; Lachtim et al., 2022; Vera, Lacerda; Forte, 2022) e um na área de Educação Ambiental (Liell e Bayer, 2019). O segundo bloco é composto por estudos sobre formação docente, currículo e produção de conhecimentos, sobretudo no Ensino Superior (Jesus, Vieira; Effgen, 2014; Mallmann, 2015; Mendonça et al., 2015; Magalhães; Soares, 2016; Umemura; Rosa, 2020; Oliveira et al., 2021; Orquiza et al., 2022; Lima; Pavan, 2023).

De modo geral, a metodologia adotada nos estudos levantados se assemelha à proposta por Cendales e Mariño (2006), conforme as figuras 2 e 3. Para tanto, o “diálogo” e a “participação” sobressaem-se como categorias fundamentais, visto que os diferentes momentos da pesquisa constituem-se em momentos de pronúncia de mundo, de

### *Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação*

problematização e intervenção na realidade. Assim, ao fomentar a participação e ao promover ações dialógicas, a pesquisa-ação resulta em momentos de reflexão sobre a prática, reforçando a potencialidade do grupo e levando-o a pensar ações possíveis para o problema levantado. Dito isso, frisamos que o caráter ético-político da pesquisa-ação está na sua relevância social, no seu caráter formativo e participante.

Nesse sentido, categorias como o diálogo, a participação, a problematização (mediada pelas perguntas), tornam-se fundamentais para o a realização do diagnóstico e desenvolvimento de ações concretas, como projetos, elaboração de subsídios, propostas de intervenções, com vista à conscientização dos sujeitos a respeito do objeto estudado, como sugerem Liell e Bayer (2019), ao buscar contribuir com a promoção da consciência ambiental em sala de aula. Por fim, destacamos o caráter interdisciplinar da pesquisa-ação (Toledo; Giatti; Jacobi, 2014, p. 633) que de forma colaborativa e participante contribui para colocar em diálogo, diferentes saberes e práticas.

Visando romper com influências positivistas, “bancárias”, cartesianas, estudos agrupados no segundo bloco situam a pesquisa-ação como uma abordagem investigativa, epistemológica e política, capaz de produzir conhecimentos sobre a formação docente, a partir de uma pesquisa colaborativa (Jesus; Vieira; Effgen, 2014), crítico-reflexiva, capaz de levantar, problematizar e intervir em questões acerca da formação e do ensino (Mallmann, 2015).

Essa abordagem investigativa, epistemológica e política têm contribuído para provocar movimentos nas situações que desafiam as propostas de ensino, mas também como um campo teórico sobre a produção do conhecimento acerca do ato de ensinar-aprender, ao adotar a relação ação-reflexão-ação como eixo central dessa dinâmica de construção (Jesus; Vieira; Effgen, 2014, p. 771).

Ao pensar a formação e o ensino, a pesquisa-ação resulta em múltiplos processos – perguntas, registros, reflexões, reelaborações – que fazem com que ela se torne uma importante estratégia de formação docente (Mendonça *et al.*, 2015), uma vez que contribui para pensar a escola, o currículo e as práticas de ensino (Magalhães; Soares, 2016), resultando uma produção de conhecimento não somente para o pesquisador, mas também para o grupo participante.

Em diálogo com Umemura e Rosa (2020), reiteramos que pesquisa-ação se pauta em uma abordagem colaborativa, ao trazer os saberes e as vozes dos sujeitos-participantes para



pensar a pesquisa e a ação decorrente dela, conforme nos lembram Cendales e Mariño (Fig. 2 e 3). Para Oliveira *et al.* (2021) a pesquisa-ação resulta em um processo interdisciplinar, tendo em vista coloca em dialógico diferentes saberes. Assim, por meio da práxis, da ação política, e da capacidade de problematiza e de intervir na realidade (Orquiza *et al.*, 2022), a pesquisa-ação resulta em processos que contribuem com a formação de professores (Lima; Pavan, 2023).

Por meio da análise notamos que as categorias freireanas não diferiram tanto dos estudos ligados à área de Saúde e Educação Ambiental, sobretudo no que se refere ao caráter emancipatório da pesquisa-ação, pois os participantes se envolvem na pesquisa, contribuem com a ação e refletem sobre os seus processos. Ao refletir, dialogar sobre a mesma e problematizá-la, por meio da práxis podem desenvolver uma interpretação crítico-reflexiva acerca do objeto estudado.

Diante disso, pode-se dizer que pela sua construção dialógica, pela participação e pela práxis, a pesquisa-ação constitui um ambiente democrático, que valoriza os diferentes saberes docentes, sugerindo que a formação acontece permanentemente (Freire, 1996; 2022), à medida que desafia as(os) participantes a pensar/intervir na realidade. Envolvidos nesses processos, assumem-se sujeitos e compreendem com maior clareza o seu papel ético-político no coletivo. Logo, a pesquisa-ação contrapõe-se à fragmentação do conhecimento, propondo outras lógicas de trabalho pautadas na interdisciplinaridade e na indissociabilidade entre teoria e prática, pesquisa e ação, ensino, pesquisa e extensão.

#### **4. Considerações**

No decorrer do texto, buscamos apresentar algumas categorias freireanas que podem trazer contribuições para pensar pesquisas, sobretudo, aquelas no campo da Educação. O estudo apresentou, inicialmente, algumas categorias consideradas basilares para a realização de uma pesquisa, centrando-se em seguida na pesquisa-ação.

Na nossa análise, foi possível identificar que a pesquisa-ação vem sendo desenvolvida tanto na área da Educação como da Saúde, visto que 40% (6) dos estudos levantados são da área da Saúde, especialmente no que se refere à saúde preventiva, que implica a conscientização da população. Outro fator de destaque são as incidências do pensamento freireano, sobretudo no que se refere à humanização, ao diálogo e a participação.

Os diferentes estudos demonstraram que, apesar dos desafios, a pesquisa-ação resulta em processos formativos que levam os sujeitos a desenvolverem o pensamento

*Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação* crítico-reflexivo acerca do objeto estudado, produzindo novas epistemologias, contribuindo, sobremaneira, para pensar a formação, as práticas de ensino, o currículo, a extensão, levando o(a) pesquisador(a) a aprender com as diferentes etapas dos processos, graças à sua interação com os sujeitos-participantes da pesquisa.

Ante o exposto, foi possível notar as incidências freireanas na pesquisa-ação, uma vez que os estudos analisados apontaram as pesquisas como espaços dialógicos, democráticos, propícios à troca de saberes e à participação os sujeitos-participantes. A respeito disso, destacamos a sua característica inclusiva, uma vez que o(a) pesquisador(a), com o apoio dos pares, pode analisar o objeto e propor intervenções para o problema estudado. Assim sendo, este estudo reitera as contribuições do pensamento freireano para a pesquisa, especialmente, para a pesquisa-ação, e a sua importância para a formação dos sujeitos que dela participam.

### Referências

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; STRECK, Danilo R. Pergunta. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 314-315.

AMARAL, Vanessa de Souza et al. Os nós críticos do processo de trabalho na Atenção Primária à Saúde: uma pesquisa-ação. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31(1), e310106, 2021, p. 1-20. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310106>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-participar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. – 8ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 9-16.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: Um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (organizadores). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida-SP, Ideias & Letras, 2006, p. 17-54.

CENDALES, Lola; MARIÑO, Germán. Aprender a pesquisar, pesquisando. Tradução: Yvonne F. Mantoanelli. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DICIO-Dicionário Online Português. **Curiosidade**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/curiosidade/>. Acesso em: 20 set. 2023.

ESCOBAR, Miguel. Ad-mirar, tradução Mirele Alberton. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 24-26.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23ª edição. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira** [recurso eletrônico]. Revisão e Notas de Ana Maria de Araújo Freire. – 11. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 38ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** [recurso eletrônico]. Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. - [1. ed.] - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013<sub>b</sub>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. – 25ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação Ana Maria Araújo Freire. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico] – 1. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013<sub>a</sub>.

FREIRE, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante.** – 8ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 34-41.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15).

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história.** [recurso eletrônico]. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia** – O Cotidiano do Professor. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Curiosidade epistemológica. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 107-109.

JESUS, Denise Meyrelles de; VIEIRA, Alexandro Braga; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. Pesquisa-Ação Colaborativo Crítica: em busca de uma epistemologia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 771-788, jul./set. 2014. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 26 de maio de 2024.

*Princípios freireanos para pensar a pesquisa: suscitando diálogos sobre a pesquisa-ação*

LACHTIM, Sheila Aparecida et al. Dinâmica entre potenciais de fortalecimento e desgaste na vida de jovens da escola pública: pesquisa-ação com oficinas emancipatórias. **Saúde Soc.** São Paulo, v.31, n.2, e210354pt, 2022, p. 1-12. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210354pt>.

LIELL, Cláudio Cristiano; BAYER, Arno. A Pesquisa-ação na formação continuada em Educação Ambiental para professores de matemática. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 229-250, jan./fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.60723>.

LIMA, Ana Cristina Cantero Dorsa; PAVAN, Ruth. Formação continuada por meio da pesquisa-ação: participação e decisão dos professores. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 2, p. 509–519, abr./jun. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v24i2.4028>.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; SOARES, Márcia Torres Neri. Currículo escolar e deficiência: contribuições a partir da pesquisa-ação colaborativo-crítica. **Cadernos de Pesquisa** v.46 n. 162, p. 1124-1147 out./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143717>.

MALLMANN, Elena Maria. Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. **Cadernos de Pesquisa** v.45 n.155 p. 76-98 jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143088>.

MENDONÇA, Erica Toledo de et al. Paradigmas e tendências do ensino universitário: a metodologia da pesquisa-ação como estratégia de formação docente. **Interface**. 2015; 19(53): p. 373-386. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.1024>.

OLIVEIRA, Renata Evangelista de et al. A interdisciplinaridade na prática acadêmica universitária: conquistas e desafios a partir de um projeto de pesquisa-ação. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 26, n. 02, p. 377-400, jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000200003>.

ORQUIZA, Liliam Maria et al. A pesquisa-ação como práxis na popularização da ciência. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 28, e22019, 2022, p. 1-17. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320220019>.

RIBEIRO, Kátia Suely Queiroz Silva; VASCONCELOS, Eymard Mourão. As redes de apoio social nas práticas de educação popular e saúde: reflexões de uma pesquisa-ação. **Interface**. 2014; 18 Supl 2: p. 1453-1462. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0425>.

SILVA JÚNIOR, Fernando José Guedes da et al. Pesquisa-ação sobre saberes e práticas de agentes comunitários de saúde acerca da prevenção do comportamento suicida. **Interface** (Botucatu). 2021; 25: e200386, p. 1-13. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200386>.

STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (org). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida-SP, Ideias & Letras, 2006, p. 259-276.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. – 3 ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TOLEDO, Renata Ferraz de; GIATTI, Leandro Luiz; JACOBI, Pedro Roberto. A pesquisa-ação em estudos interdisciplinares: análise de critérios que só a prática pode revelar. **Interface**. 2014; 18 (51): 633-646. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0026>.

UMEMURA, Vanessa Maria Vicente; ROSA, Sanny Silva da. Desafios dos coordenadores pedagógicos de São Caetano do Sul, ABC Paulista: um estudo baseado na pesquisa-ação colaborativa. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 1, p. 81-92, jan./mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v21i1.1941>.

VERAS, Danielly Cristiny de; LACERDA, Gabrielle Manguiera; FORTE, Franklin Delano Soares. Grupo de idosos como dispositivo de empoderamento em saúde: uma pesquisa-ação. **Interface** (Botucatu). 2022; 26 (Supl. 1): e210528, p. 1-14. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.210528>.

## Notas

<sup>i</sup> Gostaríamos de destacar que apesar de ter dividido em movimentos ou etapas, preferimos adotar a compreensão de movimento, tendo em vista em vista a dinamicidade do trabalho do pesquisador(a) e a dialécticidade que envolve a pesquisa: prática-teoria, proximidade-distanciamento, curiosidade-pergunta.

<sup>ii</sup> Trata-se de um diálogo, em formato híbrido, promovido pelo Café com Paulo Freire PUC Rio em 28/09/2023. Na ocasião a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivanilde Apoluceno de Oliveira trouxe contribuições significativas para pensa “**A pesquisa a partir de uma abordagem freireana**”.

## Sobre os autores

### Carlos César de Oliveira

Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bolsista Nota 10 - FAPERJ. Integrante do Grupo de Estudo Formação de Professores, Currículo e Cotidiano Escolar (GEFOCC).

Email: [carlosoliveira.prof@gmail.com](mailto:carlosoliveira.prof@gmail.com); Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0961-1695>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6451226555046481>

### Maria Inês Marcondes

Professora Titular do Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Cientista do Nosso Estado 2021-2024 /FAPERJ. Pesquisadora do CNPq. Doutora em Educação na PUC-Rio. Coordenadora do Grupo de Estudo Formação de Professores, Currículo e Cotidiano Escolar (GEFOCC).

Email: [mim@puc-rio.br](mailto:mim@puc-rio.br); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0973-9405>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9002784880708799>

Recebido em: 21/06/2024

Aceito para publicação em: 21/06/2024